



PAINEL NARRATIVO SEMANAL:

Percepções qualitativas e estratégicas

Décima quarta rodada

Este relatório integra o projeto de acompanhamento qualitativo permanente da opinião pública brasileira ao longo de 2026, articulando escuta em profundidade, análise política e leitura estratégica do debate público.

Acompanhe as edições no site: <https://institutodx.org/semanaldx/painel>



EXPEDIENTE

Painel Narrativo Semanal: Percepções Qualitativas e Estratégicas

ESTE RELATÓRIO ESTÁ LICENCIADO SOB A LICENÇA CREATIVE COMMONS CC BY-SA 4.0 BR. Essa licença permite que outros remixem, adaptem e criem obras derivadas sobre a obra original, inclusive para fins comerciais, contanto que atribuam crédito aos autores corretamente, e que utilizem a mesma licença. **TEXTO DA LICENÇA:** <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/legalcode>

COMO CITAR ESSE DOCUMENTO:

VASQUES, Beto; SOLANO, Esther. Instituto Democracia em Xequê (DX). Painel Narrativo Semanal: Percepções Qualitativas e Estratégicas DX, 20 jul. 2026. Período de campo: 18 de julho de 2026. Disponível em: <<https://institutodx.org/semanaldx/painel/>>.

EQUIPE DO RELATÓRIO

Beto Vasques

Diretor de Relações Institucionais do Instituto DX

Esther Solano

Professora da UNIFESP, pesquisadora em Ciências Sociais e conselheira do Instituto DX

Projeto gráfico: Moara Juliana e Júlia Cristofi.



ESCOPO

Nesta rodada, as atenções se concentraram na recepção qualitativa dos discursos de abertura das campanhas de Lula da Silva e Flávio Bolsonaro, realizados no domingo, 16 de agosto, respectivamente no Estádio da Vila Euclides, em São Bernardo do Campo, e na praia de Copacabana. Os participantes foram expostos a cinco vídeos com fragmentos dos discursos dos dois candidatos, organizados em torno de quatro eixos: mulheres; segurança pública; comparação de propostas; e comparação de legados, preparo e razões para votar em cada um.

O objetivo foi observar como esses discursos inaugurais reorganizam percepções sobre propostas concretas, futuro, segurança, custo de vida, corrupção, mulheres, soberania, legado, preparo presidencial e inclinação de voto entre eleitores que continuam sem decisão consolidada para 2026.

A rodada aprofunda uma hipótese acumulada desde Dark Horse: o eleitor pendular decide menos por adesão ideológica estável e mais por comparação permanente entre proteção concreta, desejo de mudança, confiança moral, risco percebido, comportamento público, maturidade, previsibilidade, capacidade de execução e fatos da semana.

PERÍODO:

17 de agosto de 2026 (campo) | 18 de agosto de 2026 (relatório)

GRUPOS:

2 grupos focais em formato de tríades etnográficas

COMPOSIÇÃO:

Grupo 1: homens | Grupo 2: mulheres

PERFIL:

30-50 anos, ensino médio, renda familiar de 3 a 7 salários-mínimos

REGIÃO:

Preferencialmente eleitores das Regiões Metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Salvador ("swing states")

TRAJETÓRIA ELEITORAL:

Eleitores e eleitoras pendulares, indefinidos para 2026, que oscilam entre Lula e Flávio Bolsonaro

CRITÉRIO POLÍTICO:

Não rejeita Lula nem Flávio Bolsonaro

MATERIAL TESTADO:

Fragmentos dos discursos de Lula e Flávio nos atos de abertura de campanha, sobre mulheres, segurança pública, propostas, legados e preparo presidencial.



Painel Narrativo Semanal

Investigação qualitativa sobre opinião pública, preferências eleitorais e percepção política de eleitores “pendulares”.

Método	Público	Foco
Triades etnográficas	Eleitores Pendulares	Percepções Eleitorais



Insight Central

A décima quarta rodada marca a passagem para uma nova fase do Painel: a campanha começou a falar formalmente com o eleitor, mas ainda não conseguiu produzir uma oferta positiva capaz de romper a lógica acumulada das semanas anteriores. Os discursos inaugurais foram recebidos menos como atos de entusiasmo e mais como testes comparativos de proposta, forma presidencial e confiabilidade.

O achado central é um cenário de dupla estagnação. De um lado, a imagem positiva de Lula, favorecida nas últimas semanas por postura institucional, experiência e políticas sociais, mostra sinais de limite quando o presidente volta a soar grandiloquente, ufanista, preso ao passado ou pouco preciso na implementação das propostas. De outro, a imagem negativa de Flávio parece ter se estabilizado: ele continua cercado por Master, Michelle, Alfredo Gaspar, tarifaço, ausência de propostas e dependência familiar, mas ainda retém a reserva eleitoral abstrata da mudança.

O eleitor pendular segue oscilando a partir de uma dupla régua. A primeira é programática: Lula precisa apresentar propostas que dialoguem mais com futuro e explicar suas execuções; Flávio precisa simplesmente apresentar propostas reconhecíveis, porque, até aqui, suas falas seguem percebidas como ataques, slogans ou ideais vagas sem materialidade.

A segunda régua é de perfil presidencial: Lula precisa reduzir bravatas, declarações dissonantes e excessos retóricos; Flávio precisa demonstrar maturidade, credibilidade, autonomia em relação ao pai e capacidade de sair da confusão permanente.

Essa oscilação tende a ser atravessada por uma campanha mais feroz, ancorada na guerra de rejeições. Os participantes parecem antecipar que os dois candidatos serão fustigados por investigações, escândalos e ataques cruzados: Master e Vercaro continuarão assombrando Flávio; INSS, Lulinha e entorno continuarão assombrando Lula; e

interferências externas seguirão funcionando como teste de soberania e responsabilidade.

Nos discursos sobre mulheres, Lula aparece mais próximo de uma agenda social voltada às mulheres de baixa renda, enquanto Flávio continua sob suspeita de machismo, conservadorismo e falta de autonomia em relação ao universo bolsonarista. Michelle Bolsonaro permanece como ponte potencial com mulheres e evangélicos, mas não substitui a necessidade de propostas concretas para mães trabalhadoras, segurança, crianças pequenas e autonomia feminina. A sombra das denúncias envolvendo Alfredo Gaspar reforça a crise de gênero e coerência moral da chapa de Flávio.

Na segurança pública, Lula surpreende positivamente ao apresentar um repertório mais amplo – PEC da Segurança, Ministério da Segurança, combate a bandidos poderosos e desarmamento – mas também ativa dúvidas sobre factibilidade, contradições anteriores e risco de criar mais estrutura estatal sem resultado. Flávio acerta ao falar de medos cotidianos, mas não convence porque não materializa caminhos. A fórmula percebida pelos participantes é contundente: Lula fala mais das “coisas grandes”; Flávio fala das “coisas pequenas”; nenhum dos dois, porém, entrega ainda a combinação perfeita entre concretude, execução e credibilidade.

No custo de vida, Flávio toca o nervo certo: endividamento, supermercado caro e dificuldade de fechar o mês são dores reais e compartilhadas. Mas os participantes não compram automaticamente a tese de culpa direta de Lula. A explicação aparece mais complexa: guerra, clima, petróleo, trajetória anterior dos preços e fatores internacionais. Ainda assim, Lula é cobrado por ter tido tempo para fazer mais e por não ter conseguido reduzir de modo suficiente a insegurança material das famílias.

Na corrupção, a rodada reequilibra parcialmente a balança do “são todos iguais”, mas mantém assimetrias relevantes. Lula aparece associado a uma dimensão estrutural e histórica da corrupção do PT; Flávio aparece associado a uma dimensão moral e biográfica, por sua contradição com o discurso anticorrupção e pelo envolvimento pessoal percebido no caso Vorcaro/Master. Ambos sofrem com suspeitas de abafamento, mas o tipo de dano não é idêntico.

A escala 6x1 reaparece espontaneamente como uma das poucas pautas capazes de falar de futuro de modo concreto. Ela liga trabalho, saúde mental, tempo com a família, maternidade, qualidade de vida e possibilidade de empreender. Ao mesmo tempo, cresce a impaciência: se é tão importante, precisa sair do papel. Para Lula, a pauta segue sendo uma oportunidade estratégica de sair da defensiva moral e voltar à ofensiva material.

Na inclinação final de voto, nenhum candidato emociona ou empolga. A decisão segue branda, provisória e relacional. Quem se aproxima de Flávio o faz quase exclusivamente pelo desejo de mudança, sangue novo e alguém diferente na Presidência. Quem se aproxima de Lula o faz por comparação com a fragilidade de Flávio, por percepção de maior preocupação com o povo e porque enxerga alguma continuidade de políticas que já

estão andando. A disputa, portanto, entra na campanha aberta sem entusiasmo consolidado de nenhum lado.

Sumário executivo visual

Doze leituras estratégicas para decisão política e comunicação.

1

A campanha começou, mas o impasse não foi rompido

Os discursos inaugurais não produziram conversão emocional. Funcionaram como novos testes de proposta, forma presidencial e confiabilidade.

2

A rodada aponta para uma dupla estagnação

A imagem positiva de Lula parece encontrar limite; a imagem negativa de Flávio parece se estabilizar. A aproximação entre os candidatos se dá em ambiente de acirramento e guerra de rejeições.

3

O eleitor pendular exige duas coisas: proposta e perfil

Ambos precisam ajustar suas imagens presidenciais: Lula precisa apresentar futuro com menos bravata; Flávio precisa reduzir a confusão ao seu redor e apresentar alguma proposta minimamente concreta.

4

Lula tem mais conteúdo programático, mas sofre com a forma

Educação integral, minerais críticos, segurança e escala 6x1 agradam, mas o tom grandiloquente e ufanista gera cansaço e desconfiança.

5

Flávio escolhe temas certos, mas ainda não entrega políticas

Mulheres, segurança, custo de vida e corrupção são temas sensíveis, mas suas falas seguem percebidas como ataques, slogans e ausência de plano claro.

6

Mulheres seguem como vulnerabilidade estrutural de Flávio

Homens leem o voto feminino de modo pragmático; mulheres são mais críticas ao machismo bolsonarista e cobram propostas concretas para mães, trabalho, segurança e autonomia.

7

Alfredo Gaspar mantém viva a crise de gênero e família

A denúncia mencionada contra o vice, tal como recebida nos grupos, gera desconforto e incoerência com a retórica conservadora de defesa da família.

8

Segurança pública não virou ativo automático da direita

Lula ganha algum crédito por apresentar medidas mais estruturadas; Flávio fala do medo cotidiano, mas não concretiza proposta. Nenhum dos dois convence plenamente.

9

Custo de vida é o maior ponto de contato material

Todos reconhecem o drama do endividamento e dos preços. O tema vulnerabiliza Lula, mas não produz culpa automática: os participantes enxergam causas múltiplas.

10

Corrupção volta ao “todos iguais”, com assimetrias

Lula carrega a dimensão estrutural do histórico petista; Flávio carrega a dimensão moral e biográfica de quem pregava anticorrupção e aparece diretamente associado ao Master/Vorcaro.

11

Escala 6x1 é a melhor janela de futuro para Lula

A pauta fala de saúde mental, família, maternidade, descanso e qualidade de vida. Pode recompor agenda positiva se sair do plano discursivo e virar prioridade concreta.

12

Voto segue relacional, provisório e sem paixão

Ambos não empolgam e a inclinação se mostra contingente e relacional ao adversário. Flávio sobrevive exclusivamente pela mudança abstrata; Lula se sustenta por comparação, preocupação com o povo e algumas realizações e propostas concretas. A agenda factual continua comandando o pêndulo.



Mapa de percepções

Como os participantes organizam Lula, Flávio Bolsonaro, Michelle/Alfredo Gaspar, segurança, custo de vida, corrupção, escala 6x1 e o próprio eleitor pendular.

Ator / eixo	Imagem dominante	Efeito eleitoral
Lula	Mais experiente, mais preparado e com propostas mais reconhecíveis. Ao mesmo tempo, aparece vulnerável ao excesso de fala, à retórica grandiloquente, ao apego ao passado e à falta de detalhes de execução.	Inclina por comparação, políticas sociais e percepção de maior preocupação com o povo. Risco: parecer que oferece passado e discurso bonito, mas não futuro executável.
Flávio Bolsonaro	Candidato da mudança abstrata, mas ainda sem proposta reconhecida, com baixa autonomia, imagem frágil, desgaste por polêmicas e dificuldade de parecer presidenciável.	Sobrevive pelo desejo de alternância e "sangue novo". Perde quando precisa demonstrar projeto, maturidade, credibilidade e capacidade de governo.
Mulheres / Michelle / Alfredo Gaspar	Michelle segue como ponte potencial com mulheres e evangélicos; Alfredo Gaspar mantém sombra moral sobre a chapa; mulheres associam Flávio ao machismo bolsonarista.	A pauta feminina exige políticas concretas. A escolha do vice pode afastar eleitoras e comprometer a retórica de família e defesa das mulheres.
Segurança pública	Tema de grande demanda social. Lula apresentou repertório mais estruturado, mas com dúvidas de execução; Flávio falou de medos cotidianos, mas sem plano claro.	Não é ativo automático para Flávio. Pode ser espaço de disputa se houver propostas críveis, exequíveis e sem contradições.
Custo de vida / endividamento	Dor cotidiana universalizada: supermercado caro, dívidas e dificuldade de chegar ao fim do mês. Participantes não culpam Lula automaticamente, mas cobram mais resultados.	Tema potencialmente perigoso para Lula se Flávio conseguir convertê-lo em proposta concreta. Até aqui, porém, Flávio toca a dor sem entregar solução.
Corrupção	Balança mais equilibrada no "todos iguais". Lula é associado ao histórico estrutural do PT; Flávio, ao dano moral e biográfico de Master/Vorcaro, rachadinha e contradições.	Nenhum dos dois tem legitimidade plena para falar de corrupção. Flávio perde mais quando sua retórica anticorrupção colide com sua própria biografia percebida.
Escala 6x1	Pauta concreta, emocional e de futuro. Articula descanso, saúde mental, família, maternidade e qualidade de vida.	Pode ser a principal ponte de Lula para retomar agenda positiva e transformar proteção social em oferta de futuro. Risco: impaciência se não sair do papel.
Eleitor pendular	Desconfiado, comparativo e pouco entusiasmado. Quer mudança, mas exige segurança; reconhece propostas, mas cobra execução; rejeita bravata e slogans vazios.	Inclinação segue branda e relacional. O voto se move por comparação de riscos, não por adesão plena.



Frase Síntese

A décima quarta rodada mostra que a abertura da campanha não rompeu a lógica relacional do eleitor pendular. Lula entra com mais propostas, mais experiência e mais reconhecimento de políticas públicas, mas precisa provar que seu repertório ainda oferece futuro, não apenas passado e retórica grandiloquente. Flávio continua vivo pelo desejo de mudança e pelo cansaço com a continuidade, mas segue sem transformar novidade em projeto, proposta e confiança. A campanha começa, portanto, sob dupla estagnação: Lula precisa renovar sua oferta; Flávio precisa dar forma concreta e presidenciável à mudança que promete.



Achados qualitativos

Temas, interpretações e aspas selecionadas.

1

Mulheres: entre pragmatismo eleitoral e desconfiança moral sobre Flávio

O discurso para mulheres revelou uma diferença de ênfase entre homens e mulheres. Entre homens, predominou uma leitura pragmática: mulheres são maioria do eleitorado, portanto qualquer candidato competitivo precisa formular políticas para elas. Entre mulheres, a recepção foi mais crítica em relação a Flávio. A presença de Michelle não elimina a percepção de que o bolsonarismo permanece associado a machismo, conservadorismo e baixa valorização da autonomia feminina.

Lula é percebido como mais próximo das mulheres de baixa renda e das políticas públicas voltadas à proteção social. Flávio, por sua vez, ainda tem uma porta entreaberta apenas se apresentar propostas concretas para mães trabalhadoras, segurança, trabalho, crianças pequenas e autonomia econômica. A expectativa não é de conversão afetiva, mas de uma prova mínima de seriedade programática.

"O que eu vejo hoje é que as políticas para as mulheres estão avançando bastante, até para garantir segurança a elas, mas o Flávio também deveria apresentar propostas que incluam as mulheres"

PARTICIPANTE D, GRUPO 1

“Acho que o Lula está se preocupando bastante ultimamente com o público feminino, mas talvez Flávio também possa fazer propostas...acredito que eles começaram a ver que as mulheres são a maioria se não eles não conseguem seguir adiante politicamente”

PARTICIPANTE M, GRUPO 1

“Acho que a Michelle trouxe também essa visibilidade de políticas para as mulheres e acho que se eles (Michelle e Flávio) se resolvem, acho que ela poderia ajudar muito nisso”

PARTICIPANTE G, GRUPO 1

“Acho que pelo modelo de trabalho de Lula talvez seria melhor para as mulheres de baixa renda e do Flávio não tenho como esperar porque a gente tem essa imagem dele mais extremista, mais conservador, o que ele faria de política para as mulheres porque para elas as mulheres não têm tanta autonomia”

PARTICIPANTE A, GRUPO 2

“Seria o Lula. Eu não tenho partido, mas pelo que vejo a pesar de ter a Michele, os bolsonaristas são bem machistas, então é por esse motivo”

PARTICIPANTE M, GRUPO 2

“Lula pode fazer, sim, pela forma de trabalha dele, uma classe mais popular de mulheres, mas acho que talvez Flávio ainda venha com uma proposta para as mulheres, a gente espera, de repente, algo sobre trabalho talvez, alguma proposta para mães e crianças pequenas”

PARTICIPANTE L, GRUPO 2



Leitura estratégica

A disputa pelo voto feminino pendular não se resolve com gesto simbólico. Michelle pode ajudar a organizar uma ponte, mas não substitui coerência, propostas e credibilidade. Flávio precisa demonstrar que sua relação com mulheres não é apenas cálculo eleitoral; Lula precisa converter reconhecimento social em agenda concreta para mulheres trabalhadoras.



A sombra de Alfredo Gaspar: denúncia, família e incoerência de chapa

A indicação de Alfredo Gaspar segue produzindo desconforto. Os participantes reconhecem que uma investigação não é condenação e alguns ponderam que acusações podem emergir em período eleitoral. Mas quando o material testado aponta que as denúncias seriam anteriores à campanha, o incômodo aumenta. O dano se organiza menos pelo plano jurídico e mais pela coerência moral: como um candidato que fala de família e mulheres escolhe alguém sob denúncia tão grave?

Entre as mulheres, a crítica é mais dura. A escolha reforça a percepção de hipocrisia e compromete a tentativa de Flávio de reconstruir sua imagem no campo feminino depois das rodadas sobre Michelle, Paulo Figueiredo e machismo no bolsonarismo.

"Ele teria mais opções, mas escolheu uma pessoa, mas não foi uma escolha correta porque houve essa investigação, tomara que não seja certo para ele não ter dado um tiro no pé. Por que ele escolheu essa pessoa? Não sei. Teria Michele para ser vice, não sei por que, mas por enquanto é investigação ainda não tem nada comprovado, mas se comprovado aí comprometeria, sim, o voto e também o presidente que seria o Flávio..."

PARTICIPANTE D, GRUPO 1

"Se comprovado daria uma baqueada no voto, mas também se for comprovado teriam que trocar o vice porque é dar um tiro no pé. Em época de eleições tem troca de acusações de todos os lados...mas se você fala agora que essa investigação era de antes das eleições, aí fica mais difícil..."

PARTICIPANTE G, GRUPO 1

"Suja um pouco a imagem dele, porque fica uma dúvida se realmente isso aconteceu. Quero acreditar que não aconteceu, mas que suja a imagem a imagem suja, é difícil, é uma coisa muito grave...vai na contramão do que ele defende"

PARTICIPANTE L, GRUPO 2

"Eu vi e eu digo que sempre vai vir algo a tona para alfinetar na época das eleições, mas sujou realmente, mas também sempre vão tirar alguma coisa do fundo do baú para dar problema para o outro candidato"

PARTICIPANTE M, GRUPO 2

"Vai muito ao desencontro com a política conservadora deles, né? Falta coerência. Não é uma denúncia aleatória, eu não duvido, mas na hora de escolher o Flavio ignorou o histórico porque talvez em tese ele vai querer manipular ele, mas escolheu bem mal, né?"

PARTICIPANTE A, GRUPO 2



Leitura estratégica

A escolha do vice mantém viva a crise de gênero e a família de Flávio. Mesmo quando há cautela sobre a investigação, a percepção de incoerência já produz dano político. A pergunta não é apenas se o vice será condenado; é porque Flávio escolheu correr esse risco.

Segurança pública: Lula apresenta estrutura; Flávio fala do medo cotidiano, mas sem plano

A segurança pública aparece como um dos temas em que a abertura da campanha poderia favorecer Flávio, mas a rodada mostra que o ativo não é automático. Flávio conecta-se a problemas cotidianos e tenta falar ao “povão”, mas suas falas são percebidas como pouco estruturadas, marcadas por ataques a Lula, ausência de proposta específica e falta de credibilidade pessoal.

Lula ganha mais crédito quando apresenta PEC da Segurança, Ministério da Segurança, combate a bandidos poderosos e desarmamento. A recepção, contudo, é ambivalente: as ideias parecem relevantes, mas geram dúvidas sobre execução, risco de “cabide de emprego”, corrupção, proteção do cidadão e contradições com falas anteriores do próprio presidente.

“Gostei mais do Lula porque falou o que realmente este precisando, essa PEC da segurança, o desarmamento, tirar tanta munição na rua... .. e sobre a proposta do Ministério será útil, sim, descentralizaria o poder, daria mais autoridade, mais capacidade para poder trabalhar mais”

PARTICIPANTE D, GRUPO 1

“E o Flávio forçou um pouco falando de soberania sendo que eles não querem exercer a soberania com Brasil, eles não lutam por isso”

PARTICIPANTE D, GRUPO 1

“Mas também o povo vive com medo e se arma por isso então fica meio enfeitada essa fala de Lula e ele falou já outras coisas para além desse discurso que descredibiliza ele, falando por exemplo que os bandidos são vítimas. mas é importante a parte de lutar contra bandido grande porque a gente sabe que quem tem dinheiro sempre se livra de tudo, é muito importante lutar contra essa galera de alto escalão”

PARTICIPANTE M, GRUPO 1

“Sobre o Ministério acho interessante a ideia, mas teria que ver na prática como funciona, se for implementado bem e não será mais um lugar de desvio de dinheiro. Seria interessante para tomar as decisões, mas se tiver corrupção será um problema grande”

PARTICIPANTE M, GRUPO 1

“Sobre (a proposta do Lula de) colocar na cadeia todo o mundo que se acha dono da favela, ah, ele se descredibiliza muito porque em outros discursos ele fala que assaltante roubar celular é para comer, então não dá para confiar muito...”

PARTICIPANTE M, GRUPO 1

"E sobre Flávio, não sei, parece conversa para ganhar o povo. Ele fala das coisas pequenas, Lula das coisas grandes, mas não vejo o Flávio propondo nada"

PARTICIPANTE M, GRUPO 1

"Nenhum dos dois me convenceu porque Lula já se contradiziu muito e já teve muito tempo para arrumar segurança, gosta de enfeitar muito, e falar grandes números, já o Flávio também está batendo na tecla do povão, mas não colocou pautas nem ideias específicas, mas espero que traga alguma proposta"

PARTICIPANTE G, GRUPO 1

"É tudo promessa, né? Campanha é assim, mas o Bolsonaro não me convenceu porque sempre é falar dessa forma, atacar e Lula quer dar um pouco de continuação...a criação de um Ministério seria melhor, um ministério separado, mas não adianta botar no papel e ter mais um cargo e não fazer nada, tem que agilizar isso e ver exatamente o que vai fazer"

PARTICIPANTE M, GRUPO 2

"Sobre prender bandido grande, não vai adiantar, sempre tem, sempre tem outro, não sei como Lula poderia acabar com isso...Lula pode até tentar, mas é uma coisa que parece impossível"

PARTICIPANTE M, GRUPO 2

"Não falaram exatamente de que forma vai ser feito, a gente sabe que não é simples. Lula pareceu menos fantasia na maneira de falar, mais pé no chão, mas quem sabe o Flávio tenha alguma proposta de fazer e quando Lula fala que vai prender os bandidos, não sei, é tão difícil de fazer, a gente sabe que não é bem assim, a gente sabe que é bem complicado isso"

PARTICIPANTE L, GRUPO 2

"Acho que a gente não precisa de mais ministérios, mais cargos, mais salários, o que tem quer feito é otimizar o sistema e o Flávio falou muito do indivíduo e foi uma coisa boa em vez de falar quem nem o Lula sobre os bandidos vítimas, mas nenhum me convenceu"

PARTICIPANTE L, GRUPO 2



Leitura estratégica

A segurança pública é uma oportunidade e uma armadilha para os dois. Lula pode disputar o tema se combinar estrutura, execução e coerência discursiva. Flávio pode crescer se apresentar propostas concretas; mas, sem plano, a agenda que deveria favorecê-lo apenas expõe sua dificuldade de se apresentar como candidato capaz de governar.

Escola em tempo integral e minerais críticos: futuro que agrada, desde que pareça executável

As propostas de Lula sobre educação em tempo integral e soberania na exploração e processamento de minerais críticos foram bem recebidas porque conectam futuro, desenvolvimento nacional, autonomia tecnológica e proteção das famílias. A escola integral aparece associada à necessidade dos pais trabalharem, à redução do tempo ocioso de jovens e à melhoria da qualidade de vida familiar.

O problema é a distância entre formulação e execução. Os participantes apoiam as ideias, mas pedem detalhes: estrutura escolar, qualidade da educação, investimentos, parcerias, institutos de pesquisa e capacidade tecnológica. Lula ganha quando fala de futuro; perde quando parece vender como simples o que os participantes percebem como complexo.

“Concordo em partes. Educação em tempo integral é louvável, tem todo o apoio, mas sobre as terras raras no papel fica muito legal, mas o país não tem essa estrutura, apoiaria, sim, mas com a realidade que nós temos, de novo Lula falando bonito demais”

PARTICIPANTE D, GRUPO 1

“Escola em tempo integral tem que investir nisso, sim, a longo prazo e terras raras, isso faria com que o Brasil saia dessa dependência, se sempre exportando matéria prima, Brasil tem capacidade para fazer isso. Isso transformaria o país”

PARTICIPANTE G, GRUPO 1

“O problema é que nem todos os estados de Brasil tem estrutura para escolas em tempo integral, mas acho a proposta muito válida, a gente teria que investir pesado nessas estruturas e sobre terras raras é verdade que a gente não é pioneiro, mas vamos fazer parcerias com outros países, abrir institutos de pesquisa, temos que investir aqui até para ter tecnologia a faixa de preço que não seja exorbitante”

PARTICIPANTE M, GRUPO 1

“A escola em tempo integral concordo muito porque os pais precisam trabalhar e dar menos espaço ocioso para os jovens ficarem a mercê de situações ruins e a proposta de explorar essas terras sem terceirizar nossa riqueza deveria acontecer em tudo, a gente não deveria nem de duvidar nisso, isso é um pensamento bom se se concretizar, é um investimento do futuro”

PARTICIPANTE A, GRUPO 2

“Sobre colégio integral não adianta só escola em tempo integral, mas tem que melhorar a educação de mais qualidade dentro da escola, né? E sobre minérios, claro que teria que ser qualificação aqui no Brasil é uma proposta legal”

PARTICIPANTE M, GRUPO 2



Leitura estratégica

Esse é o caminho mais promissor para Lula: transformar experiência em futuro. Mas o eleitor pendular não quer apenas grandes ideias; quer demonstração de viabilidade, etapas e capacidade de entrega.

5

Dívidas e custo de vida: Flávio toca a dor certa, mas não consegue atribuir culpa simples a Lula

Custo de vida e endividamento são temas de altíssima sensibilidade. Todos se reconhecem direta ou indiretamente na dificuldade de comprar comida, fechar o mês e lidar com dívidas familiares. Flávio acerta ao escolher o tema, porque fala do cotidiano material mais imediato.

No entanto, os participantes não assimilam automaticamente a narrativa de culpa exclusiva de Lula. A explicação aparece mais complexa: guerras, preço do petróleo, clima, fatores anteriores e dinâmicas internacionais. Ainda assim, Lula não sai ileso: mesmo sem ser responsabilizado diretamente, é cobrado por ter tido tempo para fazer mais e por não ter resolvido o problema.

“Esta muito difícil. Você não compra nada no supermercado e todo o mundo endividado (M, triade1) Essa coisa do preço dos alimentos está absurdo, não tem como viver hoje sem dívidas e não acho que o Lula tem culpa mas também acho que não vai resolver esse problema, teve muito tempo para fazer isso e não resolveu”

PARTICIPANTE G, GRUPO 1

“Então, a minha filha foi trabalhar porque ela tinha que ajudar em casa, né? Essa é a vida das famílias hoje. A vida está muito difícil, realmente está todo muito caro, mas não acho que é culpa de Lula, já vem de mais tempo, né? Tem coisas que agora nem está tão caro”

PARTICIPANTE M, GRUPO 2

“Tá caro as coisas, estão. Com 200 reais tu sai com 2 sacolinhas, só que não é culpa do governo, são muitas coisas, né? É o tempo, é a guerra, muita coisa”

PARTICIPANTE L, GRUPO 2



Leitura estratégica

O custo de vida é o flanco material de Lula e a chance mais clara de Flávio falar com a vida real. Mas, para transformar dor em voto, Flávio precisa ir além da crítica e apresentar caminho de solução e parecer crível. Para Lula, o risco é a fadiga de quem já governou muito e ainda não entregou alívio suficiente.

6

Luz para Todos e transposição: legado reconhecido, mas passado não basta

Os participantes reconhecem a importância de Luz para Todos e da transposição do São Francisco, sobretudo pelo impacto em regiões e populações antes privadas de luz, água e infraestrutura. Esses legados ainda carregam força simbólica positiva.

Mas a forma como Lula aciona o passado gera incômodo. A retórica grandiloquente, a comparação com Dom Pedro II e a insistência em realizações antigas reforçam a crítica de que o presidente fala demais do que fez e pouco do que fará. Para um eleitor que cobra futuro, legado sem atualização pode soar como autopromoção ou desencaixe temporal.

“É uma proposta interessante a Luz para todos, mas quando a gente chega na transposição a gente vê quantos anos, parou, ficou parada anos e anos então ele fala que foi e fez, mas a realidade é que deixou parado durante muitos anos, é meio sensacionalista esse tipo de fala”

PARTICIPANTE M, GRUPO 1

“É verdade que o pessoal antes não tinha água e foi muito importante para quem já viveu e já passou por isso, eu acho muito válido, e muito importante para acabar com a fome e a sede, é muito impacto”

PARTICIPANTE G, GRUPO 1

“Achei meio forçado, falando do imperador, ai, nada a ver, meio sem lógica, né? Não gostei”

PARTICIPANTE L, GRUPO 2

“Achei nada a ver, sem lógica e falar disso não tem nada a ver de hoje em dia. Todo o mundo tem luz hoje. A gente está em 2026, ele que não compare e falando tanto do passado”

PARTICIPANTE M, GRUPO 2



Leitura estratégica

Lula pode usar legado como prova de capacidade, mas não como substituto de futuro. O eleitor pendular respeita entregas passadas, mas não quer uma campanha museológica; quer saber o que será feito agora, como e em quanto tempo.



Corrupção: “todos iguais”, mas não da mesma maneira

A corrupção volta a operar como eixo de equivalência moral. A percepção de que “todos são corruptos” ou “todo lado tem” segue instalada. Nem Lula nem Flávio aparecem com legitimidade plena para falar do tema. Há suspeita de abafamento em ambos os lados: Vorcaro/Master para Flávio; Lulinha, INSS e histórico petista para Lula.

A equivalência, porém, não é completa. Flávio aparece com dano mais moral e biográfico: pregava anticorrupção, mas surge diretamente associado ao áudio com Vorcaro e a um passado percebido de rachadinha e suspeitas. Lula aparece com dano mais estrutural e histórico, vinculado ao PT e a casos antigos. A balança se reequilibra em parte, mas a forma do dano permanece distinta.

“Todos são ruins na corrupção, todo lado tem, mas acredito que o governo de Lula procura mais combater essas corrupções, eu acho”

PARTICIPANTE G, GRUPO 1

“Corrupção hoje no Brasil está escancarada e eu não vejo realmente iniciativa do governo para acabar com essa corrupção, eu vejo abafando os processos do PT, não prendendo, o filho de Lula aí”

PARTICIPANTE D, GRUPO 1

“Você vê o PT querendo esconder do que querendo acabar com os escândalos”

PARTICIPANTE M, GRUPO 1

“O Flávio que se achava certinho ter caído nesse escândalo, né? Mas também tem um líder do PT envolvido nesse escândalo do Máster, inclusive amigo pessoal do Lula, mas talvez fique pior para o Flávio porque tentava manter essa imagem de não corrupto mas se envolveu diretamente”

PARTICIPANTE A, GRUPO 2

“Concordo, acho que foi pior para o Flávio porque ele pediu dinheiro naquele áudio, né? Mas também tem aí o filho do Lula, mas em fim não é o Lula, colocaria 55% pior para Flávio e 45%”

para Lula? E o Lula ficou preso, mas deu a cara a bater, já o Bolsonaro está sempre doente, né? Fraco"

PARTICIPANTE M, GRUPO 2



Leitura estratégica

A corrupção não elimina a disputa; ela muda sua natureza. O eleitor já não pergunta apenas quem é corrupto, mas qual corrupção parece mais próxima, mais comprovada, mais hipócrita e mais ameaçadora para o exercício do poder.



Escala 6x1: a pauta que devolve futuro concreto a Lula

A escala 6x1 aparece espontaneamente como uma pauta de alta potência. O tema conecta política à vida cotidiana: descanso, tempo com filhos, saúde mental, família, maternidade, qualidade de vida e até possibilidade de empreender. É uma das poucas propostas capazes de furar a guerra de rejeições e recolocar uma conversa positiva sobre futuro.

Há uma preocupação residual com impactos sobre produção e empregos, mas o tom dominante é de urgência. Os participantes demonstram impaciência: a pauta é considerada necessária, mas precisa sair do papel. Isso transforma a escala 6x1 em oportunidade e risco para Lula. Se priorizar e pressionar, pode liderar a agenda; se deixar arrastar, pode aumentar frustração.

"Acho que o fim da escala 6x1 é importante porque hoje as pessoas não descansam, só trabalham e nem passam tempo com a família."

PARTICIPANTE M, GRUPO 1

"Mas também tem que ver para não cair a produção, né? Porque aí vai ser pior para os trabalhadores"

PARTICIPANTE D, GRUPO 1

"As pessoas não tem mais saúde mental. Acho que isso tinha que sair do papel logo, as pessoas estão adoecendo"

PARTICIPANTE M, GRUPO 2

"E as mães que não têm tempo para os filhos. Eu acho muito importante, tem que sair o quanto antes."

PARTICIPANTE A, GRUPO 2



Leitura estratégica

A escala 6x1 é a agenda mais promissora para Lula recompor o futuro: não é memória, não é defesa, não é reação. É uma proposta de vida. Mas sua força depende de urgência, prioridade e capacidade de implementação.



Legado e preparo: Lula é mais forte, mas nenhum dos dois convence plenamente

Quando os discursos comparam legados, preparo e biografias, a reação dominante é de frustração. Lula é reconhecido como mais inteligente, mais experiente e mais preparado; também aparece como quem apresenta mais propostas. Mas esse reconhecimento é limitado pela crítica ao excesso de fala, ao tom ufanista e à impressão de que transforma problemas complexos em frases bonitas.

Flávio, por sua vez, não consegue romper sua imagem acumulada de fragilidade. O senador segue atravessado por Vorcaro, Michelle, Alfredo Gaspar, tarifaço e ausência de proposta. A ideia de mudança permanece, mas não se traduz em capacidade percebida.

“Ninguém me convenceu. Acho que Lula fala e fala demais, mas já teve muito tempo para fazer e também fala como se tudo fosse legal ou fácil, não dá para confiar, o Brasil está com muitos problemas”

PARTICIPANTE D, GRUPO 1

“Nenhum dos dois. Parece que Lula falou um pouco mais de propostas e o Flávio não acredito muito nele, mas também o Lula fala umas coisas que nada a ver que nem a coisa do imperador”

PARTICIPANTE M, GRUPO 2

“Acho que o Flávio é mais fraco, Lula é mais inteligente, mais experiente, mas também não sei se dá para confiar no que ele fala porque também ele sabe falar muito bonito, mas e daí? Se fosse para votar assistindo esses vídeos, não votavam em nenhum deles”

PARTICIPANTE L, GRUPO 2



Leitura estratégica

A rodada mostra um eleitor que reconhece hierarquia de preparo, mas não se deixa capturar por ela. Lula parece mais capaz, mas precisa provar execução e futuro. Flávio parece novo, mas precisa provar densidade e capacidade.

Inclinação de voto: mudança sem concretude versus continuidade sem empolgação

A inclinação de voto mantém a lógica das últimas semanas: primeiro o eleitor explica por que não votaria em um candidato; só depois constrói justificativas para o outro. Nesta rodada, as inclinações aparecem mais divididas e frágeis. Ambos os candidatos não emocionam nem empolgam.

Os eleitores que se inclinam a Flávio o fazem quase exclusivamente pelo desejo de mudança, por “sangue novo”, por alguém diferente ou por cansaço com Lula. Não aparecem atributos pessoais fortes do senador nem propostas reconhecidas. Os que se inclinam a Lula o fazem por comparação com a falta de proposta de Flávio, pela memória negativa da família Bolsonaro, pela questão do vice, pelo machismo e pela percepção de que Lula se preocupa mais com o povo e com algo que já está andando.

“Hoje votaria no Flávio, mesmo com tudo, porque Lula já teve muitos anos para resolver, ele até faz um projetinho, ou outro, mas os problemas grandes não resolve e as vezes com cara nova, talvez melhore algo”

PARTICIPANTE D, GRUPO 1

“Mesmo com os problemas, acho que daria uma chance ao Flávio por ser sangue novo, uma outra visão e o Lula está há muito tempo lá”

PARTICIPANTE M, GRUPO 1

“O melhor seria o Lula porque é quem mais se preocupa pelo povo, a gente vê algum avanço para as pessoas, o Flávio não tem proposta nem ideia própria”

PARTICIPANTE G, GRUPO 1

“Depois dessa questão do vice do Flávio quem sabe penso no Lula mas ainda espero ver algum debate para ver se tem proposta”

PARTICIPANTE A, GRUPO 2

“Votaria no Lula porque eu não gosto desses Bolsonaro, depois do que a gente passou na COVID, sei que pai e filho são diferentes, mas tem a mãozinha do pai por trás, e depois o machismo, né? Vamos dar continuação para aquilo que já está andando mesmo”

PARTICIPANTE M, GRUPO 2

“Eu daria uma chance para Flávio porque Lula já teve chance várias vezes, quem sabe Flavio vai vir com ideias diferentes”

PARTICIPANTE L, GRUPO 2



Leitura estratégica

Flávio ganha quando a eleição vira cansaço com o mesmo; perde quando se pergunta o que exatamente viria no lugar. Lula ganha quando a eleição vira comparação de preparo e políticas; perde quando parece passado, fala demais ou não enfrenta os problemas materiais. O pêndulo permanece aberto.



Integração analítica

A décima quarta rodada acrescenta uma camada decisiva à série: a passagem da pré-campanha factual para a campanha em disputa aberta. Até aqui, o eleitor pendular vinha reagindo a escândalos, polêmicas, vídeos, investigações, cartas, tarifaços, movimentos familiares e gestos de reparação. Agora, diante dos discursos inaugurais, passa a testar se os candidatos conseguem transformar esse acúmulo em oferta eleitoral positiva.

O resultado é ambivalente. Lula chega mais bem equipado do ponto de vista programático: fala de educação integral, minerais críticos, segurança, Luz para Todos, transposição e escala 6x1. No entanto, seu desafio é converter repertório em futuro executável. Quando fala de escola integral ou minerais críticos, agrada; quando parece prometer sem explicar como, cansa. Quando menciona legados, é reconhecido; quando se alonga no passado ou no ufanismo, perde contato com o tempo presente. O problema de Lula nesta rodada não é ausência de proposta, mas forma, excesso e viabilidade percebida.

Flávio vive o problema inverso. Tem temas potencialmente fortes – custo de vida, segurança, corrupção, mulheres – mas não consegue convertê-los em proposta. Fala de dores reais, mas não entrega política pública reconhecível. Aciona a corrupção, mas carrega Master e Vercaro. Fala de mulheres, mas é atravessado por machismo bolsonarista e pela escolha de Alfredo Gaspar. Fala de soberania na segurança, mas traz de volta a memória negativa do tarifaço e da relação da família Bolsonaro com Trump. Sua principal força segue sendo externa a ele mesmo: o desejo de mudança.

A noção de dupla estagnação organiza a rodada. A imagem positiva de Lula parece ter alcançado um teto provisório entre esses participantes: experiência, preparo e preocupação social seguem reconhecidos, mas já não bastam para empolgar. A imagem negativa de Flávio também parece ter encontrado uma zona de estabilização: ele continua visto como frágil, confuso e pouco confiável, mas isso não elimina seu lugar como

depositário de cansaço com a continuidade. A aproximação entre os candidatos, nesse sentido, não significa entusiasmo com Flávio nem consolidação de Lula; significa acirramento em uma guerra de rejeições.

A rodada também revela sofisticação causal do eleitor pendular. No custo de vida, por exemplo, os participantes não aderem automaticamente à culpabilização de Lula incentivada por Flávio. Enxergam guerras, clima, petróleo e efeitos anteriores. Ao mesmo tempo, cobram o presidente porque governou e não resolveu. Na segurança, apoiam medidas de Lula, mas questionam se um ministério que poderia ser positivo não virará cabide de emprego e não resposta ao problema, se desarmamento ao invés de proteger não deixará o cidadão indefeso e se promessas de prender “todos os bandidos” não seriam retóricas demais. Na educação e nos minerais críticos, gostam da ambição, mas pedem estrutura, parcerias, qualidade e implementação. Esse eleitor não é apenas reativo; ele compara plausibilidade.

A guerra de rejeições, porém, limita a capacidade de qualquer proposta organizar voto positivo. A campanha tende a fustigar os candidatos em seus flancos: Flávio por Master, Vercaro, Michelle, Alfredo Gaspar, machismo, soberania e ausência de propostas; Lula por INSS, Lulinha, entorno, corrupção histórica, custo de vida, bravatas e fadiga de tempo no poder. Nesse cenário, a agenda factual continuará operando como tribunal semanal de biografias morais.

A pauta da escala 6x1 surge como exceção estratégica. Ela não depende apenas de memória nem de ataque ao adversário. Fala de tempo, saúde mental, família, mães, trabalho e vida concreta. Por isso pode funcionar como ponte entre proteção e futuro: exatamente o que Lula precisa. Mas sua força também carrega risco: quanto mais o tema entusiasmo, mais impaciência gera se permanecer no papel.

A pergunta que a rodada deixa é simples e exigente: quem conseguirá sair da defensiva comparativa e produzir uma razão afirmativa de voto? Lula precisa mostrar que sua experiência ainda é capaz de inaugurar futuro. Flávio precisa mostrar que sua mudança tem conteúdo, maturidade, respeito e capacidade de governo. Até aqui, os dois discursos inaugurais não conseguiram dissolver a ambivalência. A campanha começou, mas o eleitor pendular segue esperando que alguém faça mais do que atacar o outro.



Fique de olho

Pontos de atenção para as próximas semanas.

- 👉 Se Lula conseguirá transformar educação integral, minerais críticos e escala 6x1 em proposta de futuro com detalhes de execução, cronograma, custo político e linguagem menos grandiloquente.
- 👉 Se Lula reduzirá bravatas, comparações ufanistas e falas dissonantes, ou se continuará alimentando a percepção de que fala bonito demais e explica pouco como fará.
- 👉 Se Flávio apresentará propostas concretas sobre segurança, custo de vida, mulheres e corrupção, ou seguirá limitado a ataques, slogans e promessa abstrata de mudança.
- 👉 Se o tema Alfredo Gaspar continuará afetando mulheres, evangélicos e eleitores sensíveis à retórica de família, especialmente se novas informações sobre a denúncia circularem durante a campanha.
- 👉 Se Michelle Bolsonaro funcionará como ativo capaz de amortecer a crise de Flávio com mulheres ou se sua presença apenas reforçará a percepção de que o senador depende de figuras mais fortes ao seu redor. Ou pior: se seu distanciamento reforçará a sensação de Flávio como figura tóxica.
- 👉 Se segurança pública se consolidará como campo competitivo ou se a falta de concretude de Flávio e as contradições de Lula impedirão que algum dos dois capture o tema.
- 👉 Se o custo de vida será convertido por Flávio em proposta ou permanecerá como crítica genérica sem responsabilidade causal convincente.
- 👉 Se Lula conseguirá responder à cobrança material sobre preços e dívidas sem parecer que atribui tudo a fatores externos.
- 👉 Se a corrupção permanecerá no “todos iguais” ou se novos fatos sobre Master, INSS, Lulinha, entorno de Lula ou aliados de Flávio produzirão assimetrias mais fortes.
- 👉 Se a escala 6x1 ganhará centralidade como bandeira de campanha ou se a demora em sair do papel produzirá impaciência e frustração.
- 👉 Se a campanha será dominada pela guerra de rejeições ou se algum candidato conseguirá impor uma agenda positiva reconhecível.
- 👉 Se a inclinação pró-Flávio por desejo de mudança ganhará conteúdo com propostas concretas ou seguirá frágil e desancorada de atributos pessoais do candidato.
- 👉 Se a inclinação pró-Lula por comparação e políticas existentes conseguirá virar entusiasmo mínimo ou seguirá limitada à lógica da continuidade administrável.
- 👉 Se a agenda factual continuará movendo o pêndulo semanalmente, especialmente diante de investigações, interferências externas, debates e erros de comunicação.



Conclusão

A décima quarta rodada mostra que a campanha começa com o eleitor pendular ainda distante de uma decisão firme. Os atos inaugurais de Lula e Flávio não produziram entusiasmo suficiente para reorganizar a disputa. Ambos foram avaliados por uma régua mais exigente do que a das rodadas anteriores: não basta sobreviver ao fato da semana; é preciso apresentar propostas, demonstrar capacidade de execução e ajustar a própria imagem presidencial.

Lula aparece como candidato mais preparado, mais experiente e com repertório programático mais reconhecível. Suas propostas sobre educação, minerais críticos, segurança e escala 6x1 encontram receptividade. Mas a vantagem é limitada por três riscos: excesso de retórica, apego ao passado e falta de detalhamento. O eleitor quer futuro concreto, não apenas legado; quer execução, não apenas formulação bonita; quer sobriedade, não bravata.

Flávio segue vivo porque o desejo de mudança permanece. Mas essa mudança continua sem corpo. O senador toca temas relevantes – custo de vida, segurança, mulheres e corrupção – mas não consegue se desprender da falta de proposta, da sombra do pai, das polêmicas acumuladas, do machismo percebido, da escolha do vice e do Master como matriz biográfica. Seu desafio não é apenas melhorar comunicação; é demonstrar que existe projeto presidencial onde hoje muitos veem apenas alternância, ataque e confusão.

O achado central é que a disputa entrou em uma fase de dupla exigência: proposta concreta e perfil presidencial. Lula precisa provar que experiência ainda produz futuro. Flávio precisa provar que mudança não é improviso. Neste eleitorado, a campanha não começa como adesão a um projeto, mas como comparação de insuficiências. Quem conseguir converter proteção ou mudança em proposta crível, executável e moralmente aceitável terá vantagem. Até lá, o pêndulo segue aberto, relacional e comandado pela agenda factual.